

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E MEMÓRIA NA RESSIGNIFICAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS REFUGIADOS QUE MIGRAM PARA O RIO DE JANEIRO: O CASO DA FEIRA DE REFUGIADOS CHEGA JUNTO

Social representations and memory in the reframing of the identities of refugees who migrate to Rio de Janeiro: the case of the refugee fair “chega junto”

Conceição Aparecida Nascimento de Souza

E-mail: conceicaosouza@terra.com.br

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM, UERJ)

Resumo

Neste artigo, procuro entender como, a partir das representações sociais e da memória, os refugiados que migraram para a cidade do Rio de Janeiro, constroem, afirmam, ressignificam e expressam suas identidades, num processo dinâmico e contínuo de produção de sentidos. As pessoas interagem em diferentes grupos e são nessas interações e sociabilidades que ocorrem a apreensão de vários e distintos elementos, fazendo com que haja a identificação de si e do outro, dando origem ao sentimento de pertencimento. As representações surgem nas práticas sociais presentes no cotidiano, regendo as relações do eu com o outro e favorecendo trocas e hibridismos. Além das representações sociais, a memória também faz parte do processo de construção e (re) construção identitária. Enquanto fenômeno social e fundamentalmente coletivo é um elemento constitutivo da formação da identidade, seja ela individual ou coletiva. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, a observação participante e entrevistas abertas.

Palavras-chave: Feira; Festa; Representação Social; Memória; Interação.

Abstract

In this article, I try to understand how, from the social representations and memory, refugees who migrated to the city of Rio de Janeiro, build, affirm, redefine and express their identities, in a dynamic and continuous process of sense production. People interact in different groups and are in these interactions and sociabilities that occur the apprehension of various and different elements, causing there to be the identification of themselves and of the other, giving origin to the feeling of belonging. Representations arise in the social practices present in daily life, governing the relation of the self with the other and favoring exchanges and hybridisms. Besides social representations, memory is also part of the construction process and (re) identity construction. As a social and fundamentally collective phenomenon, it is a constitutive element of the formation of identity, whether individual or collective. The methodology used was bibliographic review, participant observation and open interviews.

Keywords: Fair; Party; Social Representation; Memory; Interaction.

Introdução

Neste artigo, apresento a Feira de Refugiados Chega Junto como um espaço simbólico, palco de múltiplas interações e sociabilidades. Enquanto espaço de celebração intercultural, é um convite à experimentação, (con)vivências, trocas e afetos. Neste plural e festivo ambiente, a comida é a protagonista, atuando como signo identitário e elemento de vinculação e mediação entre os refugiados, os vários atores sociais presentes e a sociedade carioca. É, de maneira concomitante, um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, situações e comportamentos.

O objetivo deste trabalho é procurar entender como, por meio das representações sociais e a memória, os refugiados presentes na Feira expressam e ressignificam suas identidades, num processo contínuo de produção e reprodução de sentidos.

A Feira ocorre no último sábado de cada mês, nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada em Botafogo, um dos mais tradicionais bairros da cidade do Rio de Janeiro. É organizada pela Junta Local, em parceria com o Projeto Chega Junto e a Cáritas-RJ. O objetivo é reunir, num mesmo espaço, os diversos refugiados que se encontram na cidade, dando a eles a oportunidade de oferecerem à população local, comidas típicas de seus países, como forma de integração a sociedade de acolhida e reconstituição de vínculos identitários. No local, estão representados países como Colômbia, Venezuela, República do Congo, República de Camarões, Japão, Índia, Nigéria, Peru, Haiti e Índia. É possível perceber a força hibridizante do lugar, tangibilizada pelas múltiplas interações e apropriações culturais.

Esse locus, carregado de sentidos, é a representação de uma sociedade globalizada e pós moderna, pois apresenta a multiterritorialidade, onde, num mesmo lugar é possível encontrar pessoas das mais diferentes origens; a multiculturalidade, uma vez que nos espaços multiculturais encontra-se uma gama de diferentes culturas e opções simbólicas e, por fim, a interculturalidade, fazendo alusão às interações e hibridismos, resultantes do cruzamento das diferentes culturas, proporcionando trocas e fusões estilísticas.

A pesquisa bibliográfica foi usada para embasar os conceitos sociológicos e comunicacionais apresentados no texto. A metodologia utilizada para a coleta de dados foi a observação participante e entrevistas abertas. A escolha da metodologia é devido ao entendimento que uma das formas de realizar a pesquisa é ir a campo e observar as interações, sendo, ainda, uma interessante e produtiva forma de entrar em contato com o universo a ser pesquisado. As entrevistas possuem o objetivo aprofundar os dados observados.

A questão migratória no Brasil e no mundo, no contexto da globalização:

“[...] E de que modo é afetada a alma quando lhe é subtraída a terra pátria sobre a qual se humanizou em intrincados processos históricos e psicológicos? Quanto tempo decorre até que esta substância anímica possa ficar raízes em outro solo? A muda transplantada adapta-se ou se transforma? A alma transmigrada é bem recebida pela outra, no lugar de desembarque?
(GAMBINI, 2006)

A questão migratória é de ordem transnacional, própria de uma sociedade globalizada. Como fenômeno pós estado-nação, e por isso mesmo, marcada pela ruptura entre questões nacionais e identitárias, é preciso que sejam levados em consideração aspectos culturais, territoriais e linguísticos, indo além da questão das fronteiras formais (ELHAJJI, 2010). Para Sayad (1998), a migração é um fato social total, uma vez que extrapola as fronteiras do cotidiano e influencia as ações humanas, no espaço público e privado.

Pessoas e famílias inteiras, ao migrarem, vítimas de um processo diaspórico forçado, o fazem por diversos motivos. Embora as histórias sejam diferentes, normalmente possuem traços comuns, como dificuldades econômicas, luta por emprego e/ou trabalho, moradia, educação e saúde. Enfim, fatores ligados à luta pela cidadania que, de alguma maneira lhes foi negada no país de origem e que igualmente é difícil de conquistar no local de destino. Essas pessoas deixam para trás famílias, histórias, identidades e afetos. O refugiado se apresenta como um sujeito híbrido por excelência, e mais, é símbolo do sujeito contemporâneo, ao mesmo tempo nativo e estrangeiro, cosmopolita e de lugar nenhum, se configurando como um objeto de reflexão para entender os fenômenos sociais e políticos que marcam a contemporaneidade, fazendo surgir, ainda, uma maior compreensão de si e do outro.

Hall (2009), um dos principais pensadores a tratar o tema da diáspora, afirma que em seu sentido puro, ela é baseada na perspectiva da diferença, onde há o pressuposto da existência de um outro, que coloca em oposição o que está dentro e o que está fora. O autor define bem o sentimento diaspórico ao dizer que as essas pessoas estão “longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o bastante para entender o enigma de uma chegada sempre tardia” (2009, p. 393).

Sayad (1998, p. 11), complementa ao dizer que “[...] o imigrante é atopus, sem lugar, deslocado [...], nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do mesmo, nem totalmente do lado do outro”. É a experimentação do sentimento da ruptura e perda onde, de maneira dicotômica, vivem a situação de querer partir tendo que

ficar e ter que ficar querendo partir, numa incessante busca pelo seu lugar no mundo.

Uma das principais consequências dessa dicotomia é a crise identitária, proveniente de uma dupla descentração: a perda do seu lugar em si e a perda do seu lugar no mundo (HALL, 1992). A diáspora pressupõe o fenômeno do deslocamento, no espaço e no tempo; é o deslocamento do espaço primordial para um espaço desconhecido. A realidade deixada para trás carrega consigo tanto as chagas de uma vida de sofrimento quanto o vislumbre de um amanhã melhor, pois apesar de todas as dificuldades vividas há um “querer viver teimoso, irrepreensível” (MAFFESOLI, 2012, p.17). É como um grande devir, que traz consigo inúmeras potencialidades (DELEUZE; GUATARRI, 2011) e possibilidades.

Para a ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados),¹ os refugiados são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Normalmente, essas pessoas vivem numa intolerável situação de periculosidade, onde, em muitos casos, a única solução é cruzar fronteiras internacionais e buscar a segurança, nem sempre possível, em outros países onde passam a ser consideradas refugiadas.

De acordo com a ONU, em 2015, havia 244 milhões de migrantes internacionais. Este número representa um aumento de 41%, quando comparado ao ano de 2000. Os números denotam a importância da questão das migrações na nossa sociedade contemporânea. Ainda de acordo com a entidade, em 2017, havia no mundo mais de 68 milhões de pessoas que saíram de seus países devido a conflitos e perseguições. Uma em cada 113 pessoas no mundo estão nesta situação, configurando a maior crise humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, de acordo com o Comitê Nacional para Refugiados – CONARE, órgão ligado ao Ministério da Justiça, até o final de 2016, havia um total de 9.552 refugiados, de 82 nacionalidades.²

A globalização é um processo amplo que envolve nações e nacionalidades e que expressa uma nova forma de expansão do capitalismo. Seus recentes movimentos se iniciaram no início da década de 1990, com a popularização da internet. Virilio (1996) atesta que a produção de chineses é uma característica inerente e inegável da sociedade globalizada. Para o autor, a sociedade contemporânea global é essencialmente dromológica, isto é, uma sociedade imersa na movimentação, na circulação, no trânsito e no nomadismo, que imprimem ao tempo um ritmo

1 <https://nacoesunidas.org>

2 <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/tags/tag/conare-comite-nacional-para-os-refugiados>

cada vez mais intenso. O sujeito da atualidade, então, é um sujeito cinético, vivendo uma movimentação ininterrupta no plano social, cognitivo, emocional e afetivo, tornando-se desenraizado, tanto no aspecto material (geográfico) quanto no aspecto imaterial (social e psicológico). Enquanto processo (ou fenômeno), econômico, social e cultural, pressupõe a interação entre pessoas, economias, mercados e culturas, em todo o mundo. Neste processo, as nações veem sua soberania, identidades e redes de comunicação sofrerem as consequências do fluxo de atores transacionais (Beck, 1999).

Para Hall (2009), a globalização possui forte impacto na construção do sujeito pós-moderno, onde as identidades começam a ser partilhadas a partir do consumo: “consumidores para os mesmos bens, clientes para os mesmos serviços, públicos para as mesmas mensagens e imagens” (IDEM, p. 74). Canclini (2015) complementa dizendo que os processos globalizadores reafirmam a interculturalidade ao criarem mercados mundiais de bens materiais e monetários, além de mensagens e migrantes. É a celebração do móvel, onde as identidades se encontram em formação contínua (MAFFESOLI, 2012).

A internet, enquanto fator preponderante no processo da globalização, surgiu para fluidificar as fronteiras, contribuindo com o livre fluxo da cultura e novas formas de consumo e experiências, por meio da instantaneidade do transporte da informação. E é graças a estas fronteiras fluidas que as pessoas, protagonistas de uma diáspora forçada, como é o caso dos variados grupos que migram para o Brasil e fixam na cidade do Rio de Janeiro, passam a ter informações e contatos com os muitos locais possíveis de migração, ajudando na definição do destino. Bauman (1999) contribui dizendo que em função da fluidez das fronteiras, apesar das culturas possuírem seu próprio *locus*, é cada vez mais difícil saber de onde se originam, graças às contaminações, trocas e hibridismos.

O cenário globalizado possui algumas características próprias e intransferíveis, como a multiterritorialidade, a interculturalidade e a transculturalidade, onde as interações e hibridismos proporcionam um sem número de fusões estilísticas, com a presença de inúmeros universos simbólicos e compartilhados. E é neste cenário que a comida, um dos mais relevantes signos culturais, surge como protagonista. Ela Favorece contatos, trocas, vivências, hibridismos e afetos, por todo o mundo e entre todo o mundo, pois se tornou um *locus* onde todos são inter-relacionados, diferenciados e complementares, fazendo surgir uma significativa e estrutural mudança nas formas de ser, agir, sentir e se relacionar.

Representações sociais, memória e ressignificações identitárias:

As pesquisas acerca das representações sociais e da memória, possibilita o entendimento de como indivíduos e grupos formam e expressam ideias,

conceitos, pensamentos e identidades, ou seja, como interpretam e agem na sociedade em que vivem. Tanto as identidades quanto as representações sociais se encontram em constante movimento, num incessante processo de construção e reconstrução de sentidos. Dessa forma, as culturas não podem mais ser consideradas como unidades estáveis, inseridas em limites precisos da ocupação de um território (CANCLINI, 2015). Rasse (2013) complementa dizendo que as culturas devem ser vistas como algo em construção, favorecendo o surgimento de novas e revigorantes culturas, mas que isso só será possível se percebermos os novos fluxos transacionais como fontes de reconstrução e não como fontes de influências desestruturantes.

As pessoas interagem em diferentes grupos. Essas interações e sociabilidades proporcionam a apreensão, na maioria das vezes de forma inconsciente, de vários e diferentes elementos, fazendo com que haja a identificação de si e do outro, dando origem ao sentimento de pertencimento. Nas sociabilidades, as relações se multiplicam, colocando as pessoas em permanente contato, gerando novas e inusitadas fontes de trocas, em função da mutabilidade das motivações e interesses. Conforme atesta Simmel, “é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, onde forma e conteúdo são, na experiência concreta, indissociáveis” (2016, p.65).

As representações sociais estão presentes nas práticas sociais do dia-a-dia e fazem parte, de forma peremptória, do processo das ressignificações identitárias e culturais. Presente em diferentes contextos e espaços sociais “regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais” (JODELET, 1989, p. 5). Durkheim (1989) foi o primeiro teórico a tratar do tema, sob o ponto de vista sociológico. O autor apresenta o conceito de Representações Coletivas para se referir à forma como determinada sociedade se expressa no mundo. Essas formas de expressão são chamadas pelo autor de categorias de pensamento, que por sua vez, são resultados das observações e interpretações dos fatos sociais.

Para Moscovici (1978), as representações operam psicologicamente o conhecimento, tornando o mundo compreensível para quem nele vive. Estão diretamente relacionadas aos grupos sociais, sendo, portanto, produtos sociais dinâmicos e culturalmente aceitos. As identidades surgem a partir da existência da diferença entre o eu e o outro e são desenvolvidas ao longo de toda uma existência, se revestindo, cumulativamente, de vários e mutáveis vieses identitários.

Sobre isso, Hall (2006) afirma que em consequência das interações com outros grupos sociais e a fragmentação das identidades, o sujeito deixa de ser predizível, ou seja, a identidade fixa, vinculada a um conjunto de valores herdados, perde espaço, dando início ao que o autor chamou de crise da identidade.

Jodelet (1989) chama a atenção para a complexidade das representações sociais, fazendo alusão a sua “riqueza fenomênica”, onde estão presentes “elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc.” (p. 4). Para a autora, esses elementos são organizados numa forma de saber, dando significado ao estado da realidade.

Além das representações sociais, a memória também faz parte do processo de construção e (re) construção identitária. Hawbachs (2014) afirma que a memória é um fenômeno social e fundamentalmente coletivo. Dessa forma, pode ser entendida como um elemento constitutivo da formação da identidade, seja ela individual ou coletiva. Ao destacar a participação do grupo social na reconstrução das lembranças, o autor coloca o tema da memória na relação do indivíduo com a sociedade. Dessa forma, as memórias individuais nada mais são que um ponto de vista da memória coletiva, ou seja, um ponto de convergência de diferentes influências sociais.

Ao lembrar de algo, as pessoas se valem de quadro de significados compartilhados, que servem como quadro de referência. A noção de tempo e espaço é igualmente fundamental para a rememoração de uma situação, independentemente de que ordem seja. Isso porque as localizações espaciais e temporais são a essência da memória.

Hawbachs (2004), nos alerta que a memória é reconhecimento e reconstrução. É reconhecimento por trazer em si o sentimento de algo já visto e reconstrução por ser elaborada em um novo tempo e em um novo lugar, onde novas representações se fizeram presentes. Isso faz da imagem do tempo antigo algo alterado e possuidor de novos significados. Dessa maneira, a memória também, tal qual as identidades, são ressignificadas em função de novas experiências e interações.

Identidade e memória, então, fazem parte de um diálogo social. A percepção de si e do outro são referenciadas nas origens históricas de cada grupo, em especial a família, e são definidas por meio de uma memória social compartilhada. Essa memória compartilhada é responsável pela expressão dos valores e crenças culturais do grupo.

A Feira de Refugiados Chega Junto:

A Feira de Refugiados Chega Junto é uma parceria do Projeto Chega Junto, da Junta Local e da Cáritas-RJ. O objetivo do Projeto é promover a integração sócio-cultural dos refugiados no cenário carioca por meio da gastronomia típica, reforçando o papel da comida como um elemento que valoriza a interculturalidade

e o empoderamento dos refugiados.³ A Junta local, por sua vez, é uma comunidade localizada no Rio de Janeiro, que se propõe criar espaços físicos e virtuais para reunir consumidores, que buscam comida de qualidade oferecida a um preço justo, e pequenos produtores.⁴

A Cáritas foi criada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1956. Seu principal objetivo é articular obras sociais católicas em todo território nacional. Em 1976 teve início o trabalho com os refugiados. Numa iniciativa pioneira, a Arquidiocese do Rio de Janeiro passou a acolher e prestar assistência aos refugiados que chegavam à cidade. Eles vinham dos países vizinhos, como Argentina, Chile e Uruguai e chegavam aqui fugindo da perseguição política dos regimes militares. Na mesma época, Dom Eugênio Sales, decidiu instalar um serviço permanente de ajuda a refugiados. Com o auxílio da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), o cardeal designou a Cáritas-RJ para assumir essa tarefa em nome da Arquidiocese, dando origem ao primeiro trabalho sistematizado de atendimento a refugiados no Brasil.⁵

A Feira existe desde 2016 e acontece, sempre no último sábado de cada mês, nos jardins da Igreja Anglicana Christ Church Rio, localizada na Rua Real Grandeza, 99, no bairro de Botafogo, um dos mais tradicionais da cidade do Rio de Janeiro. Como um grande mosaico societal, se traduz numa grande festa, num espaço de celebração em constante movimento (MAFFESOLI, 2012), onde se tem a oportunidade de visitar diversos países e experimentar novos e inusitados sabores, sem sair do lugar. É uma experiência imersa nos mais variados sons, imagens, cheiros, e acima de tudo, paladares.

Enquanto espaço de celebração intercultural e gastronômica, proporciona uma reflexão sobre interculturalismo, ressignificações identitárias e culturais, e cidadania. Por meio das múltiplas interações, as identidades de todos os que ali estão vão sendo hibridizadas e ressignificadas, uma vez que nesse espaço

“...tão fluidicamente interconectado, as sedimentações identitárias organizadas em conjuntos históricos mais ou menos estáveis (etnias, nações, classes) se estruturam em conjuntos interétnicos, transclassistas e transnacionais”
(CANCLINI, 2015, xxii)

3 <https://m.facebook.com/caritasrj/posts/651278165054902>

4 <https://juntalocal.com/>

5 <http://www.caritas-rj.org.br/>

Para muito além do viés transacional, a Feira é um lugar que abriga múltiplas sociabilidades, enquanto formas lúdicas de sociações (SIMMEL, 2006). Sobre o mesmo tema, Maffesoli (2012) apresenta o conceito de socialidades que é onde, de forma tátil, se efetivam as relações, pois é o local onde “[...] a gente se cruza, se roça, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam” (MAFFESOLI, 1998, P. 102). É o cimento que sustenta e mantém as mais variadas formas sociais (IDEM, 2012).

Na chegada, antes mesmo de se adentrar no evento, já chama a atenção as inúmeras bandeiras, estendidas lado a lado, ao longo da extensa grade da igreja. São aproximadamente 20, prenunciando toda a experiência plural e intercultural que aguarda os visitantes. Logo ao chegar, é possível perceber a força hibridizante do lugar.

Em meu trabalho de campo, cada vez que vou a Feira, procuro observar e apreender as variadas interações, sociabilidades e ressignificações presentes no evento, buscando significados nos mais variados signos e representações presentes. Sei que estou diante de um grande desafio, em função das inúmeras subjetividades presentes, bem como da dificuldade de “fixar os significados de modo que fiquem estáveis por algum tempo” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2013, p. 109).

Inúmeras nacionalidades se fazem presente, dentre elas a colombiana, a congoleza, a togoleza, a venezuelana, a haitiana, a africana, a síria, a indiana, a nigeriana e a indiana. Cada uma delas nos brindam com autênticos e inusitados sabores. Todos falam português, com mais ou menos sotaque.

Ao caminhar por entre as barracas, envoltas numa rica paleta de cores, sotaques, cheiros e sabores, tento compreender os sistemas de representações sociais e de memória existentes no processo das ressignificações identitárias dos refugiados e dos visitantes ali presentes. Os hibridismos e as ressignificações ocorrem em meio a partilha de valores, pensamentos, sentimentos e experiências, perpassadas por inúmeras representações. E é nesse cenário que as pessoas, de forma paulatina e contínua, percebem e questionam suas identidades.

Durantes minhas conversas com os visitantes, pergunto o que eles acham da Feira, o que para eles é estar ali. Muitos deles, principalmente os que estão indo pela primeira vez, respondem que chegam com ideias pré-concebidas. Peço alguns exemplos dessas ideias e surgem termos como: “pobres coitados”, “miseráveis” e “sem opções”. É recorrente afirmarem que essas ideias vão mudando à medida que o tempo passa e o envolvimento deles aumenta. Passam a achar tudo lindo, colorido e gostoso. Se surpreendem com a alegria e simpatia dos refugiados. Para Hall (2006, p.190), o estereótipo é “um conjunto de práticas representacionais”, que possui efeitos reducionistas, ou seja, limita as pessoas a simples e essenciais características, de representação fixa. Os estereótipos negam a diversidade e a

mutabilidade das representações. As interações entre os vários atores sociais presentes acontecem por todo o lugar, num ritmo frenético, próprio das feiras. Como num romance polifônico (BAKTHIN, 1997), todas as vozes se fazem ouvir, em meio a um grande frenesi.

As sociabilidades facilitam o hibridismo cultural e identitário ao proporcionar experiências de diversas ordens: estética, gastronômica, cultural, identitária e afetiva, permeando, dessa forma, o imaginário coletivo dos refugiados e dos visitantes. Por entre as barracas o que se vê é uma profusão de signos representados por cores, cheiros, indumentárias, decorações e sotaques diferentes. Os visitantes transitam livremente, entre uma barraca e outra, se vinculando a todas as culturas presentes, viajando sem sair do lugar.

A comida é a grande estrela da Feira. Funciona como uma linguagem comum, que constrói e compartilha significados (HALL, 2016). Enquanto mediadora, favorece trocas, vivências, hibridismos e afetos. Se apresenta, de maneira concorrente, como um sistema de comunicação, um corpo de imagens, um protocolo de usos, situações e comportamentos, fazendo surgir, de maneira significativa, novas formas de ser, agir, sentir e se relacionar, indo além da questão biológica.

Com relação às práticas alimentares, Montanari (2013) diz que elas são o ponto de encontro entre diferentes culturas, onde as culturas alimentares serão mais ricas quanto mais intensas e frequentes forem as trocas. O autor complementa dizendo que a comida é muito mais do que algo para saciar a fome, é acima de tudo, um elemento cultural que possui uma narrativa própria, que conta uma história e que marca um tempo. É valorizada como uma linguagem universal, onde não há necessidade de intérpretes, é a linguagem sensorial do paladar.

Na mediação pela comida, ocorre um processo simbólico que organiza as possibilidades existenciais dos envolvidos, como é o caso dos refugiados presentes na feira e os cariocas. Há, por parte dos refugiados, uma reconstituição dos vínculos identitários ao mesmo tempo em que essas mesmas identidades são ressignificadas por meio do contato com uma outra cultura, a cultura viva da cidade do Rio de Janeiro. Por meio da venda das comidas típicas, está implícito uma mensagem própria onde estão presentes vários elementos, que codificam várias mensagens, presentes num sem número de representações.

Carneiro (2003), por sua vez, explicita a relevância da comida em nossas vidas ao asseverar que depois da respiração e do consumo de água, a alimentação é a mais básica das necessidades humanas, mas que essa necessidade vai além da biologia. Para o autor, a alimentação é um complexo sistema de significações sociais e expressão dos desejos humanos, se materializando nos hábitos, costumes e rituais. O autor diz ainda que à exceção do sexo, nenhum outro aspecto do comportamento humano é tão carregado de ideais.

A comida é, ainda, uma “ponte”, possibilitando novos caminhos, novos horizontes, novas formas de vida e novos afetos. Para Simmel (2006), a metáfora da ponte acentua o sentido de (re)união, superando a distância entre as extremidades, possibilitando o “ir e o vir”. Por este caminho simbólico, os refugiados reconstituem os vínculos perdidos ao mesmo tempo em que ressignificam suas atuais existências culturais e identitárias. Ilustra e tangibiliza a noção de que a aproximação e o distanciamento são apenas perspectivas de um todo.

Enquanto preparam as comidas típicas, os refugiados são envolvidos por memórias e lembranças de uma vida, para muitos deles, não mais possível. Conversando com alguns refugiados, pergunto qual o sentido da comida para eles. O que eles sentem no momento da escolha do prato, da separação dos ingredientes, enfim, durante todo o ritual que envolve o preparo dos pratos típicos que são oferecidos aos visitantes. Minha intenção é tentar entender como se dá a atuação da memória no processo da tentativa de reconstituição dos vínculos perdidos, além de procurar entender como se dá a ressignificação identitária, tendo a comida como mediadora.

Muitos deles, emocionados, dizem que comida é afeto e que cada vez que eles preparam os pratos típicos, são invadidos pela saudade e transportados para seus países de origem e que, muitas vezes, revivem situações, lembram de familiares que ficaram para trás, ouvem músicas e sentem cheiros da infância. Numa compressão espaço-tempo, num mágico momento de *invaginação*, o tempo para e há o regresso ao ventre (MAFFESOLI, 2012). É importante que se entenda que essas memórias não estão relacionadas apenas a reprodução de experiências passadas. Se trata, em realidade, da reprodução dessas experiências em consonância com a realidade do presente e apoiada pela sociedade e pela cultura (HAWBACHS, 2004).

Nesses momentos, repletos de emoção e nostalgia, se manifesta a memória individual e coletiva. Dessa forma, fica patente que as interações e sociabilidades presentes na Feira se apresentam como fatores relevantes na criação e recriação de representações, memórias e imaginários. Tudo como parte do processo cotidiano das ressignificações identitárias e culturais desses refugiados, tornando cada vez mais familiar a integração a nova sociedade. Em cada edição, os imaginários de todos os atores sociais presentes na Feira são “contaminados”, como resultados das interações. Representações e identidades são construídas e reconstruídas de forma profícua e contínua.

Além das identidades e culturas, o próprio lugar é ressignificado. A igreja permanece o tempo todo aberta, acolhendo todos que ali estão, independentemente de nacionalidades e credos. Enquanto o pátio interno recebe as barracas, a escadaria da entrada da igreja é invariavelmente o palco de shows de música e dança. Naquele espaço, de construção imponente, com suas imagens e vitrais, o templo faz um harmonioso conjunto com a efervescência, a alegria e

a pluralidade cultural presente, assumindo, de forma concomitante, imaginários sagrados e profanos.

Conclusões

Em todo o mundo, a questão da migração em massa tem impactado de muitas maneiras na economia e na vida cotidiana de muitas nações e de várias comunidades. Os motivos para esta migração são os mais variados, sendo os principais: o recrudescimento das diferenças, as perseguições (políticas, étnicas ou culturais), a busca por melhores condições de vida ou em função de projetos acadêmicos.

Muitos desses migrantes, ao chegarem numa terra estranha, buscam sua integração a nova sociedade por meio da comercialização de comidas típicas de seus locais de origem. A Feira de Refugiados Chega Junto tem como objetivo exatamente isso: promover, por meio da venda de comidas típicas, a inserção dos refugiados na cultura da cidade do Rio de Janeiro, possibilitando a existência de interações e sociabilidades.

A comida, protagonista da Feira, atua como mediadora, facilitando a vinculação, econômica, física e simbólica dos refugiados à nova sociedade de acolhimento, a sociedade carioca. Além disso, se apresenta como um elemento de religação com a identidade primordial dos refugiados. Atua, ainda, como uma linguagem comum que constrói e compartilha significados, ao mesmo tempo em que favorece trocas, vivências, hibridismos e afetos.

As representações sociais, a memória e a identidade, fazem parte do diálogo social, regendo as relações das pessoas com as sociedades nas quais estão inseridas. O entendimento desses fenômenos, ocorridos na Feira e presentes nas interações e sociabilidades, facilita o entendimento de como são construídas, afirmadas, resignificadas e expressas as identidades dos refugiados presentes na Feira e vítimas de um processo diaspórico forçado.



ENDEREÇOS ELETRÔNICOS:

<https://nacoesunidas.org> (acessado em 09/04/2018)

<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/tags/tag/conare-comite-nacional-para-os-refugiados> (acessado em 09/04/2018)

<https://m.facebook.com/caritasrj/posts/651278165054902> (acessado em 03/04/2018)

<https://juntalocal.com/> (acessado em 03/04/2018)

<http://www.caritas-rj.org.br/> (acessado em 03/04/2018)

BIBLIOGT

RAFIA



ARTIGO: Representações sociais e memória na ressignificação das identidades dos refugiados que migraram para o Rio de Janeiro: o caso da Feira de Refugiados Chega Junto

ABDLMALEK, Sayad. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECK, Ulrich. *O que é globalização? Equívocos do globalismo, resposta à globalização*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5: Ed. 34, 1997.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 200333.

HAJI, ElHajji. *Rio de Janeiro-Montreal: conexões transnacionais/ ruídos interculturais*. In: *Revista Fronteiras – estudos midiáticos* 12(3): 177-184, setembro/dezembro 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo Retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura*. São Paulo: SENAC, 2013.

RASSE, Paul. *La Diversité Culturelle. Les Essentiels d'Hermes*. Paris: CNRS Édition, 2015.

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade*: Zahar, 2006.

_____. *Sociologia*. Org. Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.